



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: A Tribuna Piracicabana

Data: 12/06/2008

Caderno/ Páginas: -/Capa e 3

Assunto: Visita comitiva japonesa

Japoneses reafirmam: álcool brasileiro não é prioridade

Comitiva de pesquisadores orientais esteve ontem em Piracicaba para conhecer a produção local. Eles visitam o Grupo Cosan e a Esalq

Seis professores japoneses - que vieram ao Brasil para participar dos eventos comemorativos aos 100 anos de migração japonesa, no Memorial da América Latina, estimaram o passeio a Piracicaba.

Hidefume Kobatake, reitor da TUAT, que esteve na Escola Superior de Agricultura (Esalq) ontem, disse que seu país está preocupado em desenvolver tecnologias que permitam um entendimento melhor sobre as

possibilidades de geração de energias alternativas, para fazer frente ao aquecimento global e à escassez de alimentos. Em outras palavras, o álcool brasileiro não é prioridade entre os japoneses. Roque Dechen, dire-

tor da Esalq, recebeu e cercou a comitiva, que deu um passeio pela Usina Cosan. A visita deu à comitiva uma dimensão da capacidade de produção local de etanol. "Eles ficaram impressionados."

Professores japoneses conhecem produção do etanol em Piracicaba

Preocupação do governo japonês é não estimular combustíveis a partir de alimentos

Daniel Damasceno

Para o Japão, o etanol Brasileiro não é uma preocupação imediata. O país asiático está ainda em fase experimental para saber qual será a fonte mais adequada para a produção de um combustível alternativo à gasolina. Há pelo menos duas experiências em andamento que dão a dimensão do avanço nas pesquisas do setor. Uma é com casca de arroz e outra, com algas marinhas. Esta segunda está sendo estudada no noroeste do Japão e tem potencial de abastecer 40% de toda energia consumida no país. A primeira é desenvolvida pela Tokyo University of Agriculture and Technology (TUAT). Algumas cidades japonesas estão sim experimentando a mistura de etanol com gasolina, numa proporção de 3%, mas se trata de bicomcombustível produzido no próprio Japão e a partir de várias fontes, que não a cana nem o milho. A preocupação do governo japonês é não estimular combustíveis a partir de alimentos, porque o país importa mais da metade do que consome e não gostaria de ver os grãos desaparecendo das gôndolas dos supermercados.

Hidefume Kobatake, reitor da TUAT, que esteve na Escola Superior de Agricultura (Esalq) ontem, disse que seu país está preocupado em desenvolver tecnologias que permitam um entendimento melhor sobre as possibilidades de geração de energias alternativas, para fazer



Roque Dechen, diretor da Esalq, ao lado de Hidefume Kobatake, reitor da TUAT

frente ao aquecimento global e à escassez de alimentos. Mesmo assim, não descarta a possibilidade de um acordo bilateral com o Brasil para compra do etanol a partir da cana-de-açúcar, uma vez que há a intenção de todo o Japão assumir a mistura de 3% de etanol na gasolina. "Se isso acontecer, não temos condições de produzir o volume de combustível que vamos precisar", disse.

Roque Dechen, diretor da Esalq, recebeu e ciceroneou a comitiva de seis professores japoneses — que vieram ao Brasil para participar, nos dias 9 e 10, dos eventos comemorativos aos 100 anos de migração ja-

ponesa, no Memorial da América Latina, e esticaram o passeio a Piracicaba. Para ele, a relação do Brasil com o Japão tende a se fortalecer, uma vez que os nisseis são proprietários agrícolas de áreas que correspondem a duas vezes o tamanho do Japão. E dos 2,5 milhões de japoneses que emigraram, o Brasil recebeu 1,5 milhão. Sendo que 75% dessa população se estabeleceu em São Paulo. Esses fatores fizeram inclusive que o príncipe do país asiático aceitasse o convite de participar das comemorações da comunidade nipônica e virá ao país dia 20. Mesmo assim, Dechen reconhece que não é

fácil estabelecer qualquer tipo de convênios com os japoneses. "É preciso ter uma paciência nipônica", afirmou.

O passeio pela Usina Cosan deu à comitiva uma dimensão da capacidade de produção local de etanol. "Eles ficaram impressionados e as relações entre o governo brasileiro e o governo japonês estão se fortalecendo para que as conversações resultem em futuros negócios", disse. Para ele, a cautela japonesa antes de estabelecer qualquer tipo de acordo faz parte de sua cultura. "Eles querem ter certeza da nossa capacidade de produção e de fornecimento", conclui.